

## REPRESENTAÇÕES DA NATUREZA EM HOJE É DIA DE MARIA – PRIMEIRA JORNADA

João Gabriel Carvalho Marcelino<sup>1</sup>  
joaogabrielcarvalho@hotmail.com

Joranaide Alves Ramos<sup>2</sup>  
nad.alvesramos@hotmail.com

### RESUMO

Neste estudo, analisa-se a relação do meio ambiente com o homem na microssérie *Hoje é dia de Maria – Primeira Jornada* (2005), baseada na obra de Carlos Alberto Soffredini. Para tanto, são observadas as representações da natureza na obra, como tais representações aparecem e quais simbologias estão atreladas a elas. Utilizando-se o ponto de vista ecocrítico, aborda-se a relação entre o humano e o não-humano, como a natureza influencia a narrativa e os personagens e como o ser humano é refletido no meio ambiente através das suas ações e da sua própria natureza. Observa-se também como o texto se conecta ao folclore, aos contos de fadas e a religiosidade apresentando a intertextualidade com tais temas, como consequência da globalização, relacionando-se assim à crítica cultural. Desta forma, é possível observar como o meio ambiente pode ser representado no texto, como as relações do ser humano com o espaço e o ambiente são refletidas na obra, como as mudanças no ambiente e no clima alteram o rumo das personagens, e como os intertextos trazem contos, lendas e crenças para a história de forma revista para se ambientar nos acontecimentos da narrativa. Para este estudo utilizam-se as reflexões de Almeida (2008), Vieira (2011) e Santos (1994), entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crítica cultural. Ecocrítica. *Hoje é dia de Maria*.

### ABSTRACT

This study analyzes the relation of environment with man in the micro-series *Hoje é dia de Maria – Primeira Jornada* (2005), based on the work of Carlos Alberto Soffredini. For this, are observed the representations of nature in the work, how such representations appear and what symbologies are tied to them. By utilizing the ecocritic viewpoint, it is approached the relation between human and nonhuman, how the nature influences the narrative and the characters, and how the human being is reflected in the environment through its actions and through its own nature. It is also observed how the text is connected to the folklore, to the fairytales and religiosity, presenting the intertextuality with such themes, as consequence of globalization, thus relating to the cultural criticism. This way, it is possible to observe how the environment may be represented in the text, how the relations of the human being with the space and the environment are reflected in the work, how the changes in the environment and in the weather change the course of the characters, and how the intertexts bring tales, legends and beliefs to the story in a reviewed way, to acclimatize with the events of the narrative. For this study, are utilized reflections of Almeida (2008), Vieira (2011) and Santos (1994), among others.

**KEYWORDS:** Cultural Criticism. Ecocriticism. *Hoje é dia de maria*.

---

<sup>1</sup> Acadêmico do VI período do Curso de Letras da Faculdade Sete de Setembro – Fasete.

<sup>2</sup> Professora de Literatura Brasileira do Curso de Letras da Faculdade Sete de Setembro.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o escopo de avaliar a obra *Hoje é dia de Maria – Primeira Jornada* (2005), baseada na obra de Carlos Alberto Soffredini<sup>3</sup> e escrita por Luís Alberto de Abreu<sup>4</sup> e Luiz Fernando Carvalho<sup>5</sup>. A microssérie apresenta a saga de Maria, uma menina que vive com o pai no sertão; a mãe dela morreu devido a força do sol e os irmãos dela foram todos trabalhar para um grande fazendeiro japonês. Com a morte da mãe de Maria, seu pai se entrega a bebida e maltrata a menina que assumiu as funções de dona de casa; Maria sonha em rumar para o mar, se libertando da vida que leva. Quando o pai de Maria se casa novamente, ele parte para a cidade em busca de apoio de um banco para reerguer o seu sítio e Maria passa a ser explorada pela mulher.

Em meio a esses maus tratos, Maria mantém uma forte fé em sua santa protetora, entregando-lhe a chama de uma vela como símbolo da sua alma; a madrasta encontra essa vela e a apaga, exaurindo a vida de Maria. No lugar onde Maria caiu morta, nasce um capinzal que canta com o vento, ao descobrir a morte da filha, o pai de Maria a desenterra e a chama, o que a faz voltar a vida. Ao ganhar uma nova chance de viver, Maria começa sua jornada para o mar, atravessando o sertão e ganhando como inimigo o demônio Asmodeu.

Seguindo os passos de Maria, este trabalho reflete acerca da relação do humano com ambiente na obra, observando a influência do ambiente na história e nas personagens, através da jornada de Maria. Por isso, este estudo tem caráter ecocrítico, uma vez que analisa a relação do humano com o não humano na obra. Para tanto, serão utilizados o roteiro da obra *Hoje é dia de Maria*, escrito por Luís Alberto de Abreu e Luiz Fernando Carvalho; os estudos de Maria do Socorro Pereira de Almeida, através da dissertação *Literatura e Meio Ambiente: Vidas Secas, de Graciliano Ramos e Bichos, de Miguel Torga numa perspectiva ecocrítica* (2008) e do artigo *A natureza na poesia de Saulo Mendonça: um olhar ecocrítico* (2011), para refletir sobre ecocrítica e sobre a relação do sertão com o homem; Wellington Neves Vieira com *Sethe: Representações ambientais e resistência política em Beloved de Toni Morrison*

---

<sup>3</sup> (Santos, 6 de outubro de 1939 - São Paulo, 10 de outubro de 2001) foi um pesquisador, autor, dramaturgo e diretor que passou a ficar mais conhecido com trabalhos para a televisão brasileira. Seu trabalho enfocava a cultura popular brasileira.

<sup>4</sup> (São Paulo, 5 de março 1952) Autor, roteirista de cinema e TV, professor, consultor de dramaturgia e roteiro. Criou as peças *O Parturião* (1994), *O Anel de Magalão* (1995), *Sacra Folia* (1996) e *Burundanga* (1996).

<sup>5</sup> (Rio de Janeiro, 28 de julho de 1960) é um cineasta e diretor de televisão brasileiro. Dirigiu as microsséries *Hoje é dia de Maria 1ª e 2ª Jornadas* (2005) e *A pedra do reino* (2007); a minissérie *Os Maias* (2001) e a telenovela *Meu Pedacinho de Chão* (2014).

(2011) para tratar das representações do ambiente na obra; Jean Chevalier e Alain Gheerbrant como *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números* (2015) para tornar claras as simbologias empregadas na obra; entre outros. Ressalta-se que nas citações em que foram utilizados fragmentos da obra, a mesma será citada pela sigla HDM seguida pela data e a página de onde a citação foi retirada.

## 1 – ECOCRÍTICA

O campo da ecocrítica, condiciona este trabalho a uma perspectiva ainda nova nos estudos culturais. Como algo novo, este campo de estudo ainda está se definindo, o que pode ser explicado por Úrsula K. Heise:

Ecocriticism, or “green” criticism, is one of the most recent interdisciplinary fields to have emerged in literary and cultural studies. Ecocriticism analyzes the role that the natural environment plays in the imagination of a cultural community at a specific historical moment, examining how the concept of “nature” is defined, what values are assigned to it or denied it and why, and the way in which the relationship between humans and nature is envisioned. In addition, some ecocritics understand their intellectual work as a direct intervention in current social, political, and economic debates surrounding environmental pollution and preservation. (HEISE *apud* ALMEIDA, 2006, p. 16)<sup>6</sup>

A autora define a ecocrítica como o campo que estuda o papel natural do meio ambiente no imaginário cultural de uma comunidade em um dado momento histórico, além de buscar compreender como o conceito de natureza se define e como a relação do homem com a natureza é representada. Ainda na perspectiva da autora, pode-se observar a ecocrítica como um campo interdisciplinar, uma vez que alguns críticos consideram seus estudos como uma intervenção em discussões de caráter social, político e econômico acerca de questões relacionadas a ecologia e ao meio ambiente.

Como complementação na busca por uma definição do objeto de estudo da ecocrítica, é possível utilizar as palavras de Greg Garrard “a definição mais ampla do objeto da ecocrítica é a do estudo da relação de humano e não humano, ao longo de toda história cultural humana

---

<sup>6</sup> Ecocrítica ou crítica “verde” é um dos campos interdisciplinares mais recentes que surgiu na literatura e estudos culturais. A ecocrítica analisa o papel natural do meio ambiente na imaginação cultural de uma comunidade num momento histórico específico, examinando como o conceito de natureza é definido, que valores lhes são atribuídos ou negados e o porquê, além de ver como a relação homem/natureza é vislumbrada. Alguns ecocríticos entendem suas pesquisas como uma intervenção em debates sociais, políticos e econômicos acerca da poluição e preservação do meio ambiente. (Tradução nossa)

e acarretando uma análise crítica do próprio termo humano”. (GARRARD, 2006, p. 16); essa abordagem propõe refletir acerca da relação do homem com a natureza, o próprio conceito de “humano” e “não humano” para compreender como o homem é influenciado pelo que está ao seu redor.

Vieira, ao tratar da ecocrítica a define: “em outras palavras a ecocrítica dá origem a uma nova educação ambiental, de forma extremamente cuidadosa no intuito de humanizar o ser humano conscientizando contra suas próprias práticas de opressão ao meio ambiente. (2011, p. 41)” a abordagem interdisciplinar da ecocrítica leva a construção de uma nova forma de educação ambiental que trata do ser humano como uma parte da natureza.

O autor ainda diz que “como se pode perceber a ecocrítica traduz as ações e relações do homem com os outros seres e o próprio ambiente de atuação[...]” (VIEIRA, 2011, p. 42) com essa tradução da ecocrítica descrita pelo autor, pode-se refletir acerca da relação da protagonista com a natureza na obra estudada neste trabalho.

## 2 CONHECENDO A OBRA *HOJE É DIA DE MARIA*:

A microssérie *Hoje é dia de Maria* é baseada na obra de Soffredini e é, inicialmente, dividida em duas Jornadas, que narram a saga de Maria em duas ambientações diferentes, primeiro o campo, depois a cidade. A personagem atravessa o sertão em busca do mar, simbolizando, a nosso ver uma busca por mudança, refletida no curso do rio e na “constança” (da música *Constância* de Villa Lobos), que pode ser associada a fluidez do rio que segue um curso direto de encontro ao mar, esse caminho do rio até o mar tem significado também para Chevalier & Gheerbrant:

A descida para o oceano é o *ajuntamento das águas*, o retorno à indiferenciação, o acesso ao **Nirvana**; o remontar das águas significa, evidentemente, o retorno à Nascente divina, ao princípio; e a travessia é a de um obstáculo que separa dois domínios, dois estados: o mundo fenomenal e o estado incondicionado, o mundo dos sentidos e o estado de *não-vinculação*.” [sic] (2015, p. 780-781)

A trajetória de Maria então pode ser justificada no aspecto descrito pelos autores de retorno a Nascente divina e ao princípio de tudo, como uma busca por recomeço em consequência da desestruturação do ambiente familiar da protagonista.

Enquanto segue o curso do rio, Maria apega-se a fé, tanto, que sua santa protetora – referida na obra como senhora – que faz aparições para ela, dando-lhe esperança de não secar

como a própria mãe no sol, o que pode ser visto na fala da tal Senhora “Por que das veiz bondade tem de sê fortaleza, tem de tê gana de luta pra num fenecê! O que há de ser tem muita força, Maria. Arreda tristeza que seu dia há de chegar.”[sic] (HDM, 2005, p. 35); esse apego a fé sustenta Maria durante toda a obra, o dito “O que há de ser tem muita força” é uma representação da fé de Maria em chegar ao destino que deseja.

A obra de Soffredini traz um forte simbolismo, além de ter referências ao folclore brasileiro e dos contos de fadas na composição da história. Isso é fruto da hibridização cultural, descrita por Almeida:

Hoje a hibridização cultural abrange todas as áreas do pensamento humano. O termo hibridismo, cuja origem se liga às ciências biológicas, pedido de empréstimo desse campo de conhecimento, aqui é usado como forma de comparação com a fusão de culturas trazidas pela globalização. As culturas hoje se interpenetram, sofrendo influências múltiplas, constantes e de forma imediata. (2008, p. 18-19)

A influência dessa hibridização das culturas, traz para a obra de Soffredini intertextos com contos e mitos conhecidos; o mito indígena da Lenda da noite se apresenta no capítulo *No País do Sol à Pino* no qual a noite é roubada e presa em um coco que fica sob a proteção dos índios.

A Obra também apresenta o intertexto conto de *Cinderela* no capítulo *Maria Perde a Infância*, mas nesse caso, a fada madrinha é trocada por um mascate que aparece e desaparece magicamente para dar a Maria o vestido “lindo como os amor (p.165)” e os sapatos, além do aviso “[...] só guarde esse aviso: meia noite acaba a dança, acaba o riso. Na primeira badalada, juízo! Na segunda, corre, e na última em casa esteja! [...] (HDM, 2005, p. 165)”, e o príncipe que pede Maria em casamento é trocado no fim pelo Amado que é ferido na forma de pássaro. Neste estudo, utiliza-se a primeira jornada, e esta por sua vez se divide em 8 capítulos, que narram a saga da protagonista em sua trajetória que vai do Sertão ao mar.

## 2.1 - Os personagens Principais

A obra conta com diversos personagens além de Maria e do Pai, há também a Madrasta e Joaninha, que maltratam Maria; Rosa, a irmã de Quirino que se torna amiga de Maria, Zé Cangaia que tem a sombra comprada por Asmodeu e recuperada por Maria, as crianças carvoeiras entre outras.

Maria é a protagonista da obra, perdeu a mãe e vive com o pai que se entregou ao alcoolismo; depois de ser morta pela madrasta, ela volta a vida e inicia sua jornada em busca do mar. O Pai é viúvo da mãe de Maria, se entrega ao alcoolismo, maltrata a filha e depois se casa com a viúva de um vizinho do sítio em que mora, quando encontra a criança morta, seu desespero a traz de volta a vida. O pai ainda segue em penitência durante a primeira jornada para reencontrar a menina. Asmodeu é o demônio conhecido por comprar sombras, podendo ser interpretado como a representação do mal na obra. Além de mudar de forma, ele é versado de grande poder, sendo capaz de controlar o próprio tempo, alterar as coisas e modificar o clima. Amado/Ciganinho foi amaldiçoado por Asmodeu para permanecer na forma do pássaro incomum que acompanha Maria durante a sua jornada, e vira homem durante a noite e volta a ser pássaro quando a luz do sol toca a sua pele. Quirino é um saltimbanco que Maria conhece na parte adulta da sua jornada, que ele se apaixona por ela e sob a influência de Asmodeu sequestra o Amado e tenta separá-lo de Maria.

O texto da obra é teatral, logo a narrativa inicia-se com a descrição da cena e é entrecortada, o foco maior está nas falas dos personagens.

### **Cena 1**

Casa do sítio / Balanço / Exterior / Manhãzinha

O sol se levanta, trazendo uma luz nova. A estrela d'alva ainda brilha no céu da manhã. E uma lua se desmancha. MARIA, vestida da cor do campo, com todas as suas flores, se deleita em seu balanço, que voa, amarrado ao tronco de uma árvore. (HDM, 2005, p. 9)

Maria, na primeira descrição da obra, apresenta-se na aurora que, para Chevalier & Gheerbrant é “um símbolo alegre do despertar na luz reencontrada” (2015, p.101); nesse possível despertar, Maria se veste com as “cores do campo, com todas as suas flores” essa descrição das suas vestes também pode ser associada a aurora, que para os autores acima citados também “anuncia e prepara o desabrochar das colheitas” (2015, p.101). A menina está no balanço “que voa”, o voo representa, ainda na perspectiva dos autores “um desejo de sublimação, de uma busca de uma harmonia interior, de uma ultrapassagem de conflitos.” (2015, p.964) essa busca pela ultrapassagem de conflitos é o que desencadeia a travessia de Maria; a primeira cena da obra de certa forma traz o prenúncio do alvorecer da jornada que se inicia ali através dos sinais aparentes na natureza.

A obra também segue o tempo predominantemente cronológico, porém, essa cronologia é desfeita por Asmodeu quando ele manipula o tempo para Maria se transformar

em adulta, e ao desfazer a passagem de tempo, volta para um período antes do início da história, muito do que se passou deixou de existir, no entanto a nova cronologia mantém traços do que aconteceu na antiga.

**Asmodeu**

Diacho! Ô, réiva! Será que meti os pé pelas mão! Nas gana de impedi a união com o amado dela, devorvi a infância de Maria, in ante da mãe morre! Mai deixe'stá! Vô fazê tudo de novo. E dessa vez num erro! [sic] (HDM, 2005, p.370)

O erro de Asmodeu inicia um novo começo, no qual ele e Maria têm que percorrer o mesmo caminho para mudar o rumo da história. Essa modificação no tempo pode ser comparada com as palavras de Milton Santos em *Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional* (1994, p. 2) “E a história como se sabe não é apenas feita a partir de uma deliberação única. A história tem um sentido, mas este sentido não é forçosamente apenas o resultado de uma decisão preliminar, seguida sem tropeços.”, a narrativa compara-se à história ao não ser produto de uma deliberação única ou de uma linearidade; as mudanças de curso e imprevistos que aparecem no caminho são parte da construção da própria história a ser contada.

## 2.2 A natureza e o homem na obra

Durante a sua jornada, Maria busca ser como a água “O que eu queria, mais que tudo nessa mia vida, era ir lá pras terra da beirada do mar...queria tanto sê essas água...” [sic] (HDM, 2005, p. 35), o rio e o mar tem seus significados descritos por Chevalier & Gheerbrant, sendo o mar “Símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos e transformações e dos renascimentos.” (2015, p. 592), nessa perspectiva o mar pode representar a busca constante de Maria por transformação; por sua vez “o simbolismo do rio e do fluir de suas águas é, ao mesmo tempo, o da possibilidade universal e o da fluidez das formas [...], o da fertilidade, da morte e da renovação.” (2015, p. 780) tanto o rio, quanto o mar estão relacionados a transformação, Maria segue o rio em sua jornada buscando uma nova vida; quando se torna mulher, Maria lava o sangue da menarca no rio, duas representações da fertilidade; a vida e a liberdade buscadas pela protagonista, são representadas pela água durante toda a obra.

O sol é um elemento influente na natureza, o “astro-rei” é o centro do sistema solar e rege a vida na terra, isso é representado em diversas obras com influências referentes a vida e a morte. A descrição de Almeida acerca da força e do simbolismo do sol em *Vidas Secas* e *Bichos* abaixo descrita, pode ser comparada a um dos trechos da obra estudada neste trabalho:

Tanto em *Vidas Secas* quanto em *Bichos*, o sol aparece como ser vivo e poderoso, aquele que castiga, não só o homem, mas toda vida terrestre, pois assim como o homem morre de sede e fome, ressecando aos poucos, os animais e as plantações o acompanham, isso fica evidente em várias situações. (2008, p. 25)

O sol é descrito como um elemento de vida e poder, capaz de controlar e influenciar a vida do homem e da natureza, no caso acima como um castigador que desencadeia a seca e a fome sendo capaz de matar, características reforçadas por Chevalier & Gheerbrant “Sob outro aspecto, é verdade, o Sol é também destruidor, princípio da seca, à qual se opõe a chuva fecundadora” [sic] (2015, p. 836) tais definições da simbologia do sol podem servir de comparação quando reflete-se acerca da influência do astro em *Hoje é dia de Maria – Primeira Jornada* (2005), em específico, a descrição da causa da morte da mãe da protagonista Maria feita pela Madrasta da menina:

#### **Madrasta**

[...] Essa tarzinha da amada-muié dele qui tempo não existe mais! Vivia aí com os fio encangado nos peito, toda impante, metida a rainha, a branquela! Era muié sem sustança, e o só do sertão fez muito bem de dobrá ela como verga frorzinha de um dia. Esturricô a tar! Vivê é pra quem tem tutano! Agora esse tá aí, turtuviado das idéia, falando ansim com os vento... Carcule! [sic] (HDM, 2005, p. 12)

O sol novamente aparece como um elemento poderoso, capaz de vergar a vida de uma pessoa, a comparação entre a mãe de Maria e a flor refere-se a delicadeza das flores, remetendo à ideia de que o sertanejo é um povo forte, que nasce pronto para encarar a aridez do sertão.

Asmodeu é um elemento da natureza que representa o mal, e é caracterizado pela imagem do demônio construída no oriente descrita por Gria “combinação do fauno, do sátiro e do egipã (espécie de sátiro), que tende a se tornar síntese definitiva da antividência”[sic] (apud CHEVALIER & GHEERBRANT, 2015, p.134). O antagonista se apresenta em diferentes formas na obra, uma encarnação do “Sete Peles” e, por isso, aparece na obra em



sete encarnações diferentes para conseguir cumprir sua função na natureza (um velho, um mágico, um sátiro, a sua forma original, um poeta e um belo jovem) todas as encarnações dele são mancadas, isso denuncia sua origem demoníaca tendo em vista que essa enfermidade está associada a ambiguidade – neste caso divino e diabólico – do personagem. Asmodeu se descreve no trecho a seguir:

**Asmodeu**

[...] Porque eu sou aquele que entorta os caminhos, que amarga as águas nos potes, que azeda o vinho e que pranta a magoa no fundo do coração humano! Proveita seus anos de menina, e essa alegria boba de vida. Proveita porque sua infância já tem dono e num demora vai desaparecer! Depois vai sê só ocê, eu e o mundo! Ai de ocê, que cruzô os meu caminho![sic] (HDM, 2005, p. 127)

Asmodeu é o representante do mal, um agente do caos que causa a desordem na natureza e nas vidas das pessoas, como uma representação do mal, se opõe a representação do bem (a santa protetora de Maria), ambas existindo em equilíbrio na natureza. Ele é capaz de controlar o tempo (cronologia) e o clima, como pode ser visto abaixo:

**Asmodeu 3**

Eu sou o senhor dos descaminhos, do escuro que não tem fim... onde geme a solidão e o amor está ausente! Por isso sinto frio, muito frio no coração e, assim, caminho só, desde as antigas eras. Meu coração é gelado, minha inveja é gelada, meus olhos, minhas lágrimas geladas. (HDM, 2005, p. 278-279)

Asmodeu tem poder de alterar a natureza para cumprir sua função de gerar desordem, ele traz a neve para o sertão, o frio está associado a morte e a tristeza e, além disso, invoca o frio através da tristeza, da inveja e da frieza que se personificam nele.

O inverno traz para a obra também a Gralha, pássaro da família dos Corvo e Gaios (*Corvidae*), que se torna um arauto da morte para o pai de Maria, como se pode observar a seguir:

**CENA 22**

Sonho em campo aberto/Exterior/Noite

A noite é muito escura e o PAI caminha meio desorientado por um campo aberto. Para ao divisar a figura de uma gralha que voa em sua direção. A gralha, enorme, pousa perto e se aproxima, ereta. O PAI espera, mais curioso do que com medo. (HDM, 2005, p. 312)

A Gralha que se aproxima em sonho do Pai de Maria assume a simbologia comumente associada ao Corvo e descrita por Chevalier & Gheerbrant “Consideram-no, com efeito, nos sonhos, como uma figura de mau agouro, ligada ao temor da desgraça.” (2015, p.293) a aparição do pássaro no sonho vem acompanhada por uma mensagem que anuncia a morte do pai:

**GRALHA**

Constrói seu barco porque  
o mar escuro e misterioso do fim  
já está lavando nossas feridas.  
Constrói teu barco da morte,  
da morte bela e profunda.  
Constrói teu barco  
para a viagem rumo ao esquecimento.  
(HDM, 2005, p. 313)

Novamente o mar é citado remetendo a ambiguidade da sua representação, enquanto por um lado representa a vida, por outro representa a morte; o pai, chegando ao fim da sua trajetória deve navegar para o esquecimento, o oposto da busca de Maria.

A relação do homem com a terra em que vive é descrita na obra por um Retirante que Maria encontra na sua jornada “A terra tem sede. Esse chão tá assim, por essa forma porque tudo tiramo da terra sem nada devorvê. (HDM, 2005, p. 355)” a fala do retirante traz uma crítica à exploração desenfreada dos recursos naturais, o extrativismo que vem deteriorando a terra e causando modificações na natureza, como desertificação, seca, mudanças climáticas e alterações nos ecossistemas que são sentidas em todos os lugares.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A obra *Hoje é dia de Maria* torna possível a reflexão sobre como a natureza influencia o ser humano na obra e como ela é representada. Na obra de Soffredini o lirismo e a filosofia são características importantes que se refletem nos elementos textuais do enredo. A perspectiva ecocrítica se coloca nesse estudo quando através da relação dos elementos naturais com os rumos que os personagens tomam na narrativa, observando a representação artística da ecologia e da própria ecologia humana. A trajetória de Maria relaciona-se não só com a água, mas com outros elementos naturais, sendo influenciada pelo sol, pelo tempo e por outros elementos que se relacionam a cultura e a existência humana como a fé e as definições de bem e mal.

O envolvimento dos elementos da natureza na obra busca mostrar as possíveis percepções do autor acerca de como o homem que se vê como um ser realizador do próprio destino, é influenciado pelo ambiente. Cada elemento caracterizado na obra é escolhido pelo por ter um significado ou simbolizar alguma crença e isto se relaciona com a intertextualidade construída na obra. A obra se relaciona com traços da cultura mundial em um processo de hibridização cultural, onde os contos de fadas, mitos indígenas e crenças cristãs se relacionam para construir o texto baseado em temas interculturais.

O encontro de Maria com Asmodeu revela a constante luta entre o bem e o mal, as adversidades que o mal cria, servem como provas para a fé de Maria, colocando-a para enfrentar o que está se opondo a ela para chegar ao seu destino, um reflexo da característica da água de se adaptar aos caminhos para chegar ao mar.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Luís Alberto de; CARVALHO, Luiz Fernando. **Hoje é dia de Maria** – Primeira Jornada. In. *Hoje é dia de Maria*. São Paulo: Globo, 2005, p. 7-377.

ABREU Luís Alberto de – **enciclopédia. itaucultural** . Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa109228/Lu%C3%ADs-Alberto-de-Abreu>> acesso em 24/10/2014 às 22:03

A LENDA DA NOITE – Disponível em: <<http://www.fontedeluz.com/?ver=8&id=13>> acesso em 21/11/2014 às 10:29

ALMEIDA, Maria do Socorro Pereira de. **Literatura e Meio Ambiente: Vidas Secas, de Graciliano Ramos e Bichos, de Miguel Torga numa perspectiva ecocrítica**. 2008. 117 P. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) UEPB, Campina Grande-PB.

CARVALHO Luiz Fernando – Disponível em: <<http://www.imdb.com/name/nm0142461/>> acesso em 24/10/2014 às 22:12

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. 27 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.

GARRARD, Greg. **Ecocrítica**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo: Globalização e meio técnico-científico informacional**. São Paulo: EDUSP, 1994.

VIEIRA, W. N. **SETHE: representação ambiental e resistência política em Beloved de Toni Morrison**. *Rios*, Paulo Afonso, n. 7, p. 37-45, 2011.